

# 14 JUL 1991 A crise da sucessão

CORREIO BRAZILIENSE

Luiz Adolfo Pinheiro

Eleição - Presidencial

Desde a Proclamação da República em 1889, o regime ainda não conseguiu lidar satisfatoriamente com o problema da sucessão do poder ao fim de cada mandato presidencial. É a crise principal que o País tem conhecido nestes últimos cem anos, a começar da substituição do próprio fundador, marechal Deodoro da Fonseca.

Sem falar na chamada República Velha, anterior à Revolução de 1930, que, na verdade, era a República Nova, pode-se começar pela luta da sucessão de Getúlio Vargas. Em 1937 ele era presidente constitucional, mas com a proximidade da sucessão estala a crise. A conjuntura interna radicalizada entre direita e esquerda e a situação internacional favorável aos fascismos levam Vargas a dar o golpe e instalar a ditadura do Estado Novo, derrubada em 1945.

Dutra é eleito e toma posse em 1946. Quatro anos depois Vargas retorna ao poder pelo voto. Mas a sua sucessão iria motivar acirramento de paixões e ele se suicidaria em 1954. A transferência do poder presidencial vitima-o antes da hora, desta vez para sempre.

Em 1955, para garantir a entrega do poder ao presidente eleito, Juscelino Kubitschek, o ministro da Guerra, general Teixeira Lott, faz a **novembrada**, o duplo golpe militar com apoio do Congresso que retira do poder o presidente interino, Carlos Luz, e o presidente efetivo, mas licencia-

do, Café Filho, o presidente do Senado, Nereu Ramos, assume o governo.

Sucessão de JK em 1960: um raro momento de paz. Sucessão de Jânio Quadros em 1961: quase a guerra civil. Sucessão de João Goulart: seria em 1966, mas o golpe veio antes e o afastou do poder em abril de 1964. Sucessão do marechal Castello Branco em 1967: crise militar, com vitória de Costa e Silva. Sucessão de Costa e Silva: derrame cerebral, "rasteira" no vice-presidente Pedro Aleixo e junta militar no poder, depois entregue ao general Médici. E quase outra revolução militar pela fermentação dos quartéis.

Sucessão de Médici, em 1974: tempos de bonança e de censura, o País no AI-5. Sucessão de Geisel em 1979: risco de outra revolução militar, demissão do ministro do Exército, comandante do II Exército, chefe do Gabinete Militar, quase que o caldo entorna, mas Figueiredo toma posse e faz a abertura. Sucessão de Figueiredo: Tancredo adoece e o vice José Sarney toma posse. Sucessão de Sarney: transição pacífica, eleição direta de Collor.

E já começa a sucessão de Collor e o prenúncio de crises políticas que são da essência do regime, há um século. Melhor é trabalhar contra elas e torcer pela estabilidade democrática, como na remota sucessão de JK e, bem mais próxima, na de Sarney. Tudo conforme o sábio ditado castelhano: "Eu não creio em bruxas, mas que elas existem, existem".